

Ideología: una breve introducción

MARCOS SEPÚLVEDA*

Freeden, Michael. Ideología: una breve introducción. Santander: Ediciones de la Universidad de Cantabria, 2013. 171 p. ISBN: 978-84-81026-27-6

RESUMO

A resenha apresenta um dos livros de Michael Freeden, *Ideología: una breve introducción* editado pela Ediciones Universidad de Cantabria (publicado originalmente em inglês: *Ideology: A Very Short Introduction*, Oxford University Press). Nesse livro, Michael Freeden introduz uma nova abordagem sobre ideologia: a macroanálise e microanálise. Ademais, separa as ideologias entre macroideologias e microideologias. Segundo Michael Freeden, o estudo principiológico e empíricos são fundamentais para uma análise adequada. Da mesma forma, é importante ressaltar a localização e a morfologia das ideologias, as quais podem ser representadas por anéis concêntricos. Linguagem, imagens inter alia são recursos complementários que podem ocasionar forte impacto, especialmente, em ideologias totalitárias.

Palavras-chave: Ideologia; Michael Freeden; Macroanálise; Microanálise; Macroideologias; Microideologias.

ABSTRACT

The review presents one of the books of Michael Freeden, *Ideología: una breve introducción* edited by Ediciones Universidad de Cantabria (originally published in English: *Ideology: A Very Short Introduction*, Oxford University Press). In this book, Michael Freeden introduces a new approach to ideology: macro-analysis and micro-analysis. In addition, separates the ideologies between macro-ideologies and micro-ideologies. According to Michael Freeden, the study of principles and empirical are fundamental to an adequate analysis. In the same way, it is important to emphasize localization and morphology of the ideologies, which can be represented by concentric rings. Language, images inter alia are complementary resources that can have a strong impact, especially in totalitarian ideologies.

Keywords: Ideology; Michael Freeden; macro-analysis; micro-analysis; macro-ideologies; micro-ideologies.

Mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: marcosaraujoba@gmail.com

RESENHA

Michael Freeden é professor emérito da Universidade de Oxford, um dos fundadores do *Journal of Political Ideologies* e diretor do Centre for Political Ideologies da Universidade de Oxford. Freeden propõe analisar a ideologia de outra forma, dando uma nova visão e significado.

Neste sentido, Freeden diferencia entre pensar politicamente e pensar sobre política, como bem ressalta Capellán de Miguel (p.11). Desse modo, a ideologia deve ser encarada como um estudo multidisciplinar, de forma que se aproxime com a prática política, conforme expõe Fernández Sebastián (p.14).

Diante disso, Freeden repassa diversos estudiosos sobre o tema. O primeiro que se destaca é Marx e Engels, através da câmera escura, a qual trata a ideologia como forma de manutenção das situações deploráveis do homem, mas sobretudo da divisão do trabalho através da ocultação da realidade por meio da filosofia (p.25). Nesse aspecto, a ideologia é entendida como produto cultural de grupos, que é consolidada pelos meios que estes desenvolvem (p.31).

Posteriormente, Freeden relata as contribuições de Karl Mannheim, Antonio Gramsci e Louis Althusser. O primeiro determina que a ideologia é reflexo de todos os processos sociais, culturais e históricos num contexto de interdependência (p.33). Já o segundo é instrumento para hegemonia de ideias, cultura e valores morais, que de certa forma também se associa a Mosca - quando este estava alinhado ao pensamento gramsciano. Por fim, o último inova ao comparar a ideologia com a superestrutura econômica, na qual a base está a ideologia, fundamento da sociedade, e, posteriormente, as instituições e as leis (p.47). Logo, para os autores citados, na visão de Freeden, o papel da ideologia é funcional, constituindo o que será denominado como microanálise. Então, como analisar de forma multidisciplinar?

É nesse ponto a maior contribuição de Freeden. A análise, se feita dessa forma, micro, é incompleta. São necessárias ferramentas que vise uma análise macro da ideologia. De acordo com esse entendimento, “el macroanálisis se obtiene observando las ideologías como tradiciones en el tiempo y el espacio cuyos aspectos imaginados se convierten ellos mismos en parte de la realidad política” (pag. 106). A análise macro e micro não são excludentes, pelo contrário, são complementárias.

Desse modo, Freeden diferencia as ideologias entre macroideologias e microideologias. As primeiras constituem uma rede onicompreensiva, em virtude de oferecer soluções a todas questões políticas (p.105). Já as segundas possuem uma morfologia restritiva, de modo que não está conectada aos contextos mais amplos da sociedade (p.125).

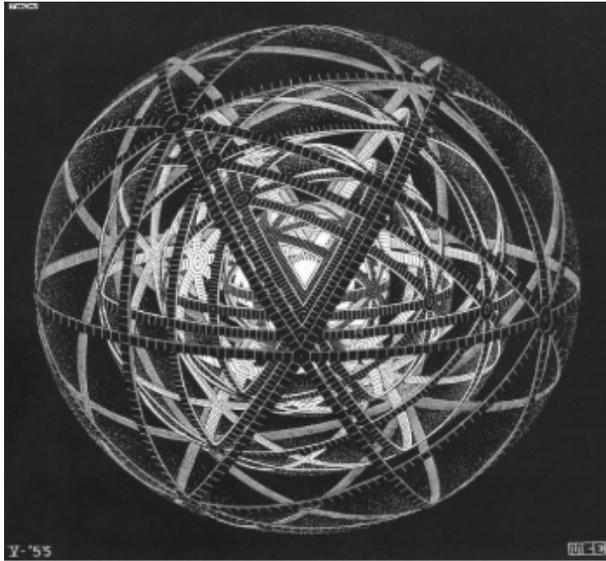
Desse modo, o estudo da ideologia deve atentar aos princípios de cada ideologia, aprioristicamente, embora uma ideologia pode ter interseção de alguns com outra ideologia. Mas o seu núcleo é inegociável, já a parte periférica é negociável. Neste ponto, as ideologias não são contraditórias, nem excludentes.

Logo, chega-se a uma conclusão: as ideologias concorrem entre si pelo domínio na sociedade. Mas, quais ideologias? Freeden destaca quatro macroideologias principais: liberalismo, socialismo, conservadorismo e as totalitárias, estas consideradas manifestações excepcionais (p.120). Nesse ponto é importante compreender que para Freeden há mais ideologias não hegemônicas do que hegemônicas, em contraposição do que preconizava Gramsci *inter alia*. Já entre as microideologias, também denominadas ideologias estreitas, estão o feminismo e nacionalismo, por exemplo. Mas como essas ideologias se relacionam com a prática política e consolidam a macroanálise?

No campo da prática política, os partidos políticos não são autores de ideologias. Dessa maneira, a função dos partidos políticos é de transmitir de forma clara, precisa aos eleitores a ideologia adotada, porém produzida e formulada por outrem. Assim, a ideologia e partido político são conexos como instrumento de retirada do abstrato para a prática política, revelando o seu papel social. Já os grupos de pressão, lobby entre outros estão localizados mais adequadamente na microideologia. Logo, a ideologia dá vida e sentido para o sistema político.

No entanto, os partidos políticos na formulação de políticas públicas numa democracia não desejam aguardar por resultados de longo prazo, e, assim, assemelham-se aos publicitários e marqueteiros que desejam vender e obter resultado o mais rápido possível. Ou seja: a ideologia é um instrumento político por meio do qual o partido alcançará e manter-se-á no poder. Desse modo, a orientação é formular uma política com base numa ideologia que agrade ao eleitor, uma política de votos, tendo em conta que a sociedade é formada pelo pluralismo. Esta formação da sociedade com base no pluralismo recorda aos ensinamentos de Rawls.

Figura 1: Anéis concêntricos



Fonte: M.C. Escher (apud Freedon, p.88)

O corolário é que a política não é estática - nunca fora -, e a ideologia tampouco. É como anéis concêntricos (figura 1): instrumento dinâmico, de flexibilidade que se relaciona em múltiplos aspectos, nas quais a localização tem grande importância. Por isso, as ideologias são adaptáveis, de acordo com o tempo e sociedade. Por exemplo, no século XIX a defesa pela inclusão do proletário como eleitor, estava mais próxima das correntes marxistas do que das liberais. O destaque é o caso britânico que com a entrada da classe proletária na cena eleitoral modificou a política britânica, ao transformar o partido liberal de protagonista a coadjuvante, e *pari passu*, surgindo um terceiro partido, o partido trabalhista, que compete até hoje pelo governo com os conservadores. Hoje, essa política, que outrora foi rejeitada pelos liberais ainda que defendesse a liberdade e igualdade de todos perante a lei, é *conditio sine qua non* para o liberalismo. Nota-se que o núcleo inegociável continua o mesmo, o princípio, porém passa a absolver mais formas, as quais estavam fora dos anéis ou que eram abordadas de forma periféricas, mas hoje incorporadas como princípio inegociável.

A incorporação de políticas estranhas ao anel da ideologia, como núcleo periférico, também é possível. No entanto, uma questão, que era então ignorada, não salta diretamente para o núcleo inegociável, senão é transformada aos poucos para núcleo periférico, e a depender do caso, em núcleo inegociável da ideologia.

A mudança não é abrupta e repentina. Afinal, como bem ressalta Marx (apud Freedon, p.102) “los hombres hacen su propia historia, pero no la hacen a su libre arbitrio, bajo circunstancia elegida por ellos mismo, sino bajo aquellas circunstancias con que se encuentran directamente, que existen y les han sido legadas por el pasado.”.

Em vista disso, a ideologia traduz as ferramentas para o norteamento das políticas públicas, os princípios a serem adotados numa via de responder quais as políticas públicas devem ser adotadas e de qual maneira. Princípios estes que estão no localizado no núcleo duro, e, portanto, inegociável para os partidos políticos, e que transformam a abstração para algo concreto e com certa estabilidade e consistência, como bem recorda Fernandez Sebastián (p.11). Por isso, um problema pode ser visto de diversas perspectivas, com diversas soluções.

Assim, os dados empíricos consolidam uma macroanálise da ideologia. Para isso Freedon fornece os caminhos ao dar, como exemplo, a declaração de Adolf Hitler, quando então declarou-se nacional-socialista: a análise empírica é essencial, pois a forma conceitual pode ser insuficiente (p.103). Para isso, “[...] en lugar de simplemente afirmar que no es socialismo, lo que necesitamos es una comprobación empírica de las autodefiniciones.” (p.103).

Como método complementar a esta análise, o discurso e os símbolos também são instrumentos pertinentes, podendo ter grande significado para a ideologia, em especial, as totalitárias. No entanto, para Freedon caso a análise se restrinja a essas formas, torna-se insuficiente, e, dessa maneira, não reproduzindo de modo coerente e adequado uma análise sobre a ideologia e a política.

Por fim, Freedon resgata a racionalidade instrumental e motivada de Max Weber no estudo na ideologia. Nesse ponto, a parte macro da ideologia é próxima da racionalidade instrumental que visa o meios-fim da ideologia, e, portanto, mensura os custos e benefícios de um partido político ao adotá-la. Por outro lado, as ideologias totalitárias estão mais próximas da racionalidade motivada e da intensidade emocional para produzir resultado a qualquer preço, visto que impõe e bloqueia os conceitos políticos de linguagem e ideologia, em virtude da relação de credibilidade adquirida com o indivíduo (p.149).

Diante do exposto, a ideologia não pode ser ignorada nem ser abordada de modo periférico pelos estudiosos da ciência política, ciências sociais e entre outras áreas de pesquisa. É função essencial para uma análise adequada. Por consequência, não se admite sob nenhuma hipótese

uma análise reducionista, niilista sobre a ideologia. Para Freedman, a ideologia está além das formas negativas e controversas ao adquirir um novo significado, uma nova abordagem, e, de certa maneira, inovadora. Essa é permeada pelo estudo político empírico focando no que a sociedade e o sistema político produzem numa forma de interdependência e holisticamente.